

ABEL SALAZAR: INTELECTUAL, ARTISTA E RESISTENTE

Teresa Lousa¹

Resumo: Abel Salazar, um nome que ficaria para sempre associado à pintura portuguesa e à mais digna e bela representação do povo português de teor humanista e social, sobretudo através da sua representação da mulher trabalhadora, foi na realidade um intelectual de múltiplas facetas: um notável histologista, um excelente pedagogo e um intelectual activo nas questões filosóficas e epistemológicas perseguido e afastado do seu trabalho no auge da sua carreira pelo nefasto poder do Estado Novo.

Palavras-Chave: Abel Salazar; Portugal; Pintura; Salazarismo.

Abstract: Abel Salazar is a name that would forever be associated with Portuguese painting and the most dignified and beautiful representation of the Portuguese people with a humanistic and social content, especially through their representation of the working woman. He was in fact a multi-faceted intellectual: a noted histologist, an excellent pedagogue, and an intellectual active in philosophical and epistemological issues, pursued and removed from his work at the height of his career by the nefarious power of the Estado Novo.

Keywords: Abel Salazar; Portugal; Painting; Salazarism.

Abel Salazar foi nomeado professor Catedrático da Faculdade de Medicina do Porto, ainda muito jovem, representando esta Faculdade em múltiplos congressos e adquirindo renome internacional como investigador. Como professor exerceu uma actividade pedagógica moderna e

¹ Professora Auxiliar Convidada na FBAUL na área de Ciências da Arte e do Património. Investigadora integrada do CHAM- FCSH, Univ. Nova de Lisboa, onde é Vice Coordenadora da linha de investigação em Cultura, História e Pensamento Ibero-Americano. Doutorada em Ciências da Arte e do Património (FBAUL- 2013), Mestre em Teorias da Arte (FBAUL- 2005), Licenciada em Filosofia (FCSH- 2000).

invulgar para a época, privilegiando o envolvimento dos alunos no curso das investigações. Em 1928, depois de 10 anos de muito trabalho em duras condições, Abel Salazar sofre um esgotamento e interrompe a sua actividade durante quatro anos. Vai desenvolvendo paralelamente outros interesses na área da Filosofia da Arte e do Positivismo lógico.

Em parte devido à sua manifesta posição filosófica, que muito desagradou ao Regime e ao Catolicismo, será afastado da sua cátedra na Faculdade de Medicina do Porto em 35. O Governo do Estado Novo através do decreto-lei nº 25317, legitimava a perseguição a funcionários públicos ou empregados, civis ou militares, que tivessem revelado espírito de oposição aos princípios fundamentais da Constituição Política. Esses seriam aposentados ou reformados, se a isso tivessem direito, ou demitidos sem poderem mais ser nomeados ou contratados para quaisquer cargos públicos ou políticos posteriores.

Abel Salazar estava muito próximo dos estudantes e como docente sempre apoiou a oposição estudantil e o seu descontentamento. Face ao despedimento de Abel Salazar, os alunos subscreveram uma moção de desagrado dirigida às autoridades académicas. Todavia, este protesto não teve um desfecho favorável porque todos os alunos que tinham assinado o documento acabaram expulsos da Faculdade por dois anos.

Perante tal situação, desiludido e magoado com alguns colegas da faculdade, resolveu aproveitar a oportunidade de trabalhar em Paris, para onde partiu em Março de 1934. Após o regresso Abel Salazar deixou de falar em público, mas estendeu a sua colaboração nos jornais, revistas académicas e republicanas, como a *Medicina*, a *Gérmén* e a *Liberdade* e escreveu também artigos em oposição ao salazarismo em periódicos como: *O Povo do Norte*, *a Ideia Livre*, *a Democracia do Sul*, *Vida Contemporânea* e ainda *o Primeiro de Janeiro*.

No campo da Filosofia produziu algumas reflexões e explorou uma filosofia científica. Abel Salazar foi um crítico daquilo a que chamou “filosofia sentimentalóide” (1937) a qual dizia dominar o país na sua época. Podemos dizer que na sua linha de pensamento predomina o físico sobre o metafísico. A problematização da metafísica será um tema dominante na sua obra, ponto de partida para o seu empirismo, que soube integrar a escola inglesa de John Locke e de David Hume, bem como a de Bertrand Russel. Mais do que defender um cientismo de inspiração positivista, é através de uma posição crítica alicerçada na objectividade científica que introduz em Portugal por exemplo o Relativismo de Einstein.

Não mais recuperará a sua cátedra, e isso ficou bem explícito quando solicitou ao ministro da Instrução autorização para leccionar um “Curso de Histologia e de Sistemática do Sistema Nervoso”, pedido esse que foi indeferido. Também pediu ao mesmo ministro permissão para poder

frequentar os laboratórios e as bibliotecas da Faculdade, pedidos novamente recusados, desta vez pelo próprio Almeida Garrett, então director da Faculdade, que lhe impede o acesso a qualquer dependência da Universidade. Em Portugal, vê – se assim completamente limitado e pensou ir para o estrangeiro, aproveitando uma bolsa do *British Council*, uma vez que tinha vários convites internacionais mas mais uma vez, o regime salazarista lhe cortou as oportunidades e o visto de saída foi recusado.

Não obstante, continuou a desenvolver a sua actividade pedagógica junto de pequenos grupos de intelectuais, escreveu inúmeras obras científicas e filosóficas e colaborou com diversos jornais e revistas (entre muitas a *Seara Nova*).

Confinando-se ao recato da sua casa e com o tempo que tinha ao seu dispor, Abel Salazar dedicou-se com afinco à produção artística. Era autodidata e optou por não aderir a correntes artísticas ou estéticas. O seu estilo foi portador de uma herança naturalista, à qual alia uma forte componente de compromisso social.

Na arte não conseguiu libertar-se totalmente da estética oitocentista, mas fez desta a sua leitura única, representando motivos humanos e sociais, utilizando “a mancha e o volume como força da sua expressão dramática” (SILVA, 1989, p. 211). A sua técnica própria bem como o seu grande humanismo estão bem patentes nos seus desenhos, gravuras, pinturas, esculturas, caricaturas e cobses martelados.

Abel Salazar começou a pintar a mulher do povo elegendo-a como símbolo da dignidade humana. Representou as mais comuns e duras profissões das mulheres do povo:

Colocou a mulher no âmago da sua obra (...) e retratou-a a cores - a imagem da mulher enquanto tal -, e a carvão, rude negro - enquanto mulher na labuta quotidiana, ora descarregando barcos na ribeira, ora carregando fardos de carqueja, ora descarregando sacos de carvão, no mercado do Anjo e nos armazéns do Barredo. (SALAZAR, 1922, p. 90)

A temática da sua pintura apelava a conteúdos nacionais e a aspectos etnográficos, representou a mulher na dureza do seu labor, por ex.: a costureira, a leiteira e a trapeira, etc, elevando a mulher trabalhadora a uma dignidade nunca representada em Portugal.²

A sua arte não podia ser considerada modernista, antes fazia exaltar a vida rústica simples, exaltando também os seus heróis anónimos, representados em composições dinâmicas de luz e cor. Apesar de autodidata, o nosso cientista foi aprofundando conhecimentos artísticos pelas cidades estrangeiras que visitou, beneficiando assim a sua arte dos seus sucessivos exílios. Nas suas obras

² Ver Figura 1, 2 e 3

nunca se sentiu movido pelas correntes das vanguardas europeias que lhe eram contemporâneas, mas podemos dizer com firmeza que:

(...) a liberdade criativa e a espontaneidade, que se sentem na maioria dos respectivos trabalhos artísticos, marcaram sempre uma posição crítica frontal ao ensino sistemático do desenho que prevalecia na arte portuguesa e nas academias nacionais na primeira metade do século XX. (MILHEIRAIS, 2008, p. 24)

É assim possível considerá-lo em Portugal um precursor de uma independente expressão neo-realista na pintura. Abel Salazar contrapunha ao Modernismo, uma tendência à expressão impressionista. “Ele defendia que o Modernismo atingia o máximo da decadência histórica da Europa, enquanto o Impressionismo, para ele, se tornava o cume da evolução artística.” (MILHEIRAIS, 2008, p. 24-25)

Entre 1938 e 1939 a sua produção artística alcança notório reconhecimento. Para isso também terá contribuído o facto de o modernismo ter começado a perder o seu fulgor e em alternativa havia o neo-realismo e a arte social, “a qual estava politicamente comprometida com a oposição ao regime salazarista.” (FRANÇA, 1974, p. 200)

As suas exposições viriam a alcançar grande impacto porque as suas obras apresentavam uma arte socialmente comprometida, mostrando a dignidade e a nobreza que havia nas tarefas do povo, que desempenhavam para sobreviver. A sua pintura é também um instrumento de denúncia da opressão e das injustiças sociais de que era vítima o proletariado, em especial a mulher, vítima da maior das desigualdades e exploração.

As suas exposições conheceram um êxito ímpar na nossa sociedade tendo recebido o apoio da Comunicação social e das elites intelectuais e letradas, o que veio a contribuir para uma nova imagem de Abel Salazar como um génio de pintura:

“ (...) mas um génio bom, porque, na sua arte demonstrava o interesse pelos humildes, pelos mais fracos, e por todos aqueles que trabalhavam, especialmente os que desempenhavam um trabalho braçal e rude. Ora a este génio bom, se juntarmos a injustiça na sua demissão compulsiva, temos, além dum génio, um mártir.” (MILHEIRAIS, 2008 p. 28)

Apesar de não ter nunca pertencido ao partido Comunista, por ter representado com tal acuidade o povo, os trabalhadores e as trabalhadoras, foi diversas vezes “adoptado” por este partido através das suas pinturas. Álvaro Cunhal, que foi um grande admirador seu, e cuja influência se fez sentir também nos seus vigorosos desenhos, argumenta que as obras de Abel Salazar constituem uma representação realista do mundo dos trabalhadores, sacrificados pelo salazarismo, mas não

alcançam uma interpretação ideológica de classe, aspecto que se coaduna perfeitamente com a posição do cientista, que sendo um indivíduo de causas sociais, nunca aderiu a causas partidárias.

A partilha de ideias e de alguns princípios com Álvaro Cunhal não significava para Abel Salazar mais do que uma solidariedade de intenções e não envolvia qualquer compromisso político.

A ideia que fica de Abel Salazar é sem dúvida a de um intelectual de múltiplas facetas: um notável histologista, um pintor genial, um excelente pedagogo e um intelectual activo nas questões filosóficas e epistemológicas, demitido injustamente da Universidade foi sobretudo uma alma que soube resistir através do seu poder criativo às limitações do salazarismo.³

Abel Salazar morre em Lisboa, na casa de sua irmã Dulce Salazar, a 29 de Dezembro de 1946, com 57 anos de idade, vítima de cancro pulmonar, deixando uma grande obra, mas uma outra tanta por realizar. O seu funeral realizou-se no Porto.⁴

³ Ver Figura 4

⁴ Ver Figura 5

Bibliografia:

FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no Século XX*, Lisboa: Livraria Bertrand, 1974

MILHEIRAS, Josué - *Abel Salazar: Uma perspectiva caleidoscópica* Dissertação de Mestrado, Letras – Estudos Artísticos, Culturais, Linguísticos e Literários, Covilhã – 2007/2008

SALAZAR, Abel, “Contra o Filosofismo III” in *O Trabalho*, 19/ 08/ 1937

SALAZAR, Dulce, *Apontamentos Biográficos de Abel Salazar*, Casa-Museu de Abel Salazar, s.d.
---, *Primeiro de Janeiro*, 28 de Novembro de 1922

SILVA, Amândio, *Pinturas de Abel Salazar, desenhos, gravuras, esculturas, cobres marteladas*: catálogo Mercado Ferreira Borges (restaurado), Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

---, *Abel Salazar, artista, pinturas, desenhos, gravuras, esculturas, cobres martelados, no 1º centenário do seu nascimento, 1889-1989*, Comissão Organizadora das Comemorações do Centenário do Nascimento de Abel Salazar, Execução de Inova/artes Gráficas, 1989.

---, *Abel Salazar – Artista*, Edição da Universidade do Porto, Câmara Municipal do Porto, Câmara Municipal de Matosinhos, Casa-Museu Abel Salazar, 1989.



Fig. 1- Abel Salazar, *As Leiteiras do Mercado Anjo (Porto)*, s.d.



Figura 2- Abel Salazar, *As Vendedeiras*, s.d.

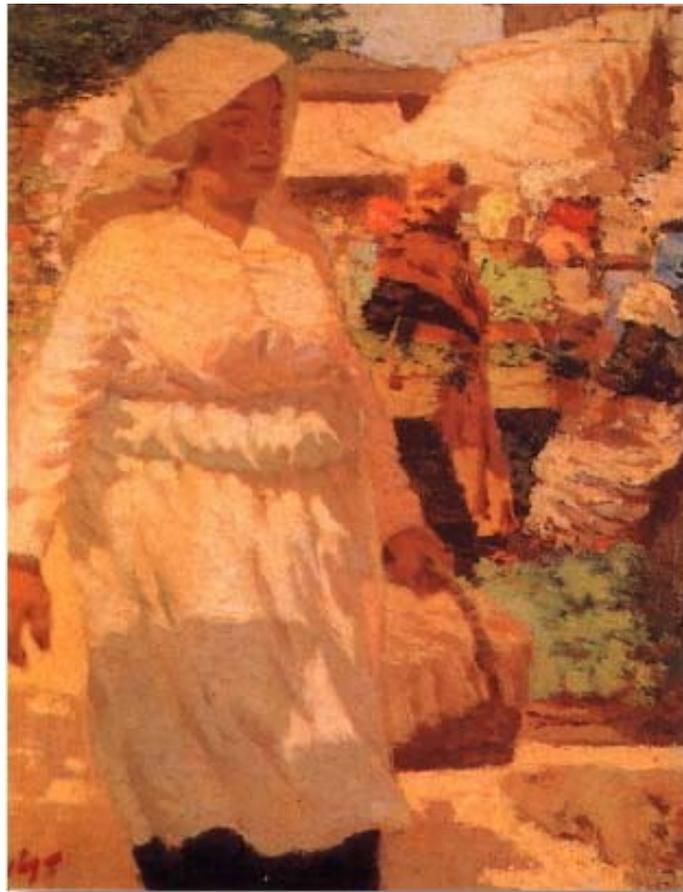


Figura 3- Abel Salazar, *Ao Sol*, s.d.

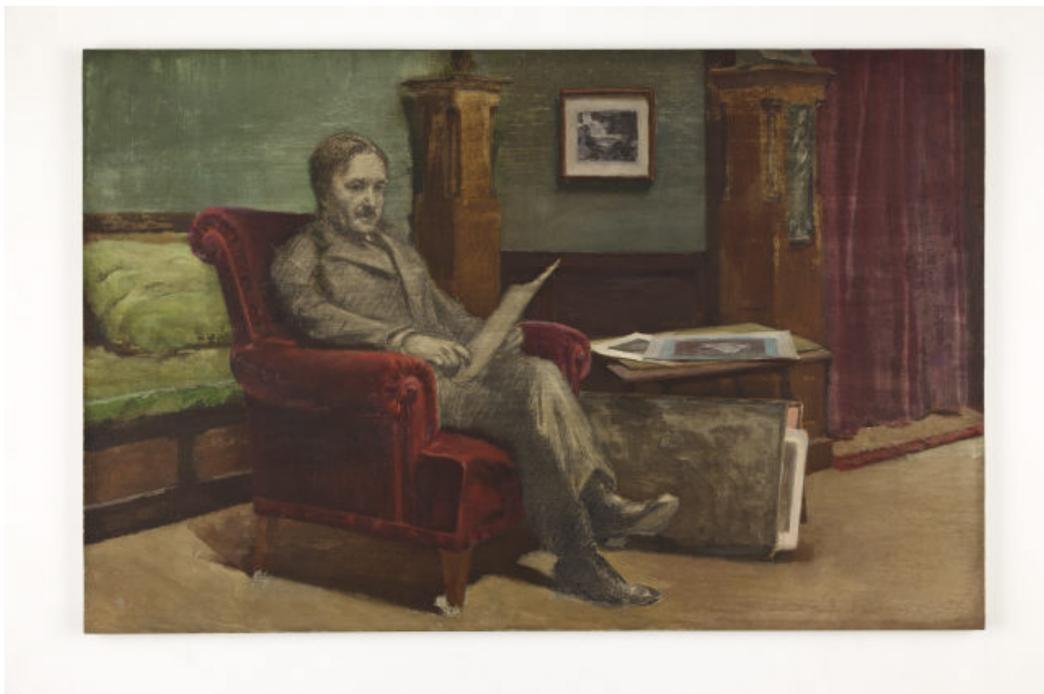


Figura 4- Abel Salazar, *Auto-Retrato*, s.d.



Casa-Museu Abel Salazar/U.Porto/Fund.Mário Soares

Figura 5- Escultura de máscara *pos-mortem* de Abel Salazar feita pelo Mestre João da Silva. 1946